

Resenha: Três Tipos de Filosofia Religiosa

Gordon H. Clark, *Three Types of Religious Philosophy* (The Trinity Foundation, 1989).

por W. Gary Crampton, Th.D.



Dr. Gordon H. Clark [1902 - 1985]
Foto tirada em 1945

Tristemente, muitas pessoas, incluindo muitos cristãos, não estão interessadas no estudo da filosofia. Eu digo “tristemente”, pois o estudo da filosofia é importante. Ela tem a ver com “o amor pela sabedoria” (a palavra “filosofia” significa “o amor pela sabedoria”). O fato é que todas as pessoas são filósofas, quer elas saibam, admitam, ou não. Isso é o mesmo que dizer: todas as pessoas têm uma cosmovisão, um modo ou meio pelo qual elas vêem tudo da vida. Isso é inescapável. A única questão é se a filosofia de um homem é correta ou não.

O apóstolo Paulo fala da importância e significância da filosofia em Colossenses 2:8. Primeiro, o apóstolo adverte fortemente seus leitores contra serem presas de filosofias anti-bíblicas, isto é, aquelas que são “de acordo com as tradições de homens”. Implícito nessa admoestação está o reconhecimento de que uma pessoa deve estudar filosofia para não ser seduzida por cosmovisões falsas. Segundo, Paulo ordena que a igreja estude uma filosofia “de acordo com Cristo”. O estudo da filosofia, então, não é uma opção para o cristão. É um mandamento bíblico para todo crente verdadeiro amar e aprender a sabedoria de Cristo.

Mesmo dentro da igreja de Cristo, contudo, há muita confusão quanto a que tipo de filosofia é uma filosofia bíblica. Basicamente, há três tipos de filosofias não-cristãs (que até mesmo alguns cristãos têm adotado): racionalismo, empirismo e irracionalismo. Em seu livro *Three Types of Religious Philosophy*,¹ que é uma excelente introdução à filosofia religiosa, Gordon Clark habilmente demonstra o porquê as cosmovisões não-cristãs são errôneas, e apresenta uma genuína filosofia bíblica que ele chama de “dogmatismo”.

No capítulo I Clark introduz o assunto em questão. Ele define as cosmovisões sob discussão, deixando uma análise mais detalhada para os capítulos subsequentes. Racionalismo “é a teoria de que todo conhecimento, e, portanto, todo conhecimento religioso, pode ser deduzido da lógica somente, isto é, da lógica aparte tanto da revelação como da experiência sensorial” (10). Empirismo, por outro lado, em sua forma mais estrita e consistente, “baseia todo conhecimento na sensação somente” (24). Finalmente, o racionalismo é a filosofia que (pelo menos implicitamente) nega que o conhecimento seja objetivo; o conhecimento, se é que ele pode ser alcançado de alguma forma, é subjetivo. O irracionalista repudia a lógica, optando pelo “paradoxo lógico”.

Então, escreve o autor, há o dogmatismo. De uma perspectiva cristã, “o termo dogmatismo designa aquele método de procedimento que tenta sistematizar crenças sobre Deus, ciência, imortalidade, etc., sobre a base da informação divinamente revelada nos escritos sagrados” da Palavra de Deus (8). O dogmatista nega que aja verdade para ser obtida fora da Escritura. A Bíblia tem um monopólio sobre a verdade. Por conseguinte, o “dogmatismo

¹ Gordon H. Clark, *Three Types of Religious Philosophy* (The Trinity Foundation, 1973, 1989). A numeração e paginação de capítulo usadas nessa resenha é do livro de Clark.

não conflita com a verdade de outras fontes porque não há outras fontes” (9).

O dogmatismo e o racionalista têm uma coisa importante em comum: “seu respeito pela lógica e o uso detalhado dela” (15). A diferença significativa sendo que, enquanto no puro racionalismo o conhecimento vem “da” razão somente, no dogmatismo o conhecimento vem “através” da razão, à medida que a pessoa deduz a verdade das declarações proposicionais da Escritura. Nas palavras de Clark, o dogmatista “toma suas premissas da Escritura e deduz conclusões... o dogmatista aplica a lógica às premissas dadas na revelação” (16,17). A posição do dogmatista é admiravelmente exposta na Confissão de Fé de Westminster (I:6): “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens”.

No final do capítulo I, uma coisa se torna muito aparente: “As filosofias devem ser avaliadas sobre o fundamento do qual elas começam. O ponto de partida determina tudo o que se segue” (25). O ponto principal da questão é o da epistemologia (a teoria do conhecimento). A questão a ser feita é esta: “como podemos conhecer algo?” A resposta a essa pergunta controla todo o assunto.

O capítulo II é sobre Racionalismo. Racionalistas famosos incluem Platão, Hegel, Anselmo, Descartes, Spinoza e Leibniz. O racionalista puro, deve ser lembrado, é alguém que crê que todo conhecimento pode ser deduzido a partir da lógica somente; enquanto os racionalistas cristãos (dogmatistas bíblicos), como Agostinho, Calvino e Clark, afirmam que todo conhecimento deve ser logicamente deduzido da Escritura. Até mesmo a existência do Deus da Escritura pode ser deduzida da lógica, diz Anselmo e Descartes, no argumento ontológico deles para a existência de Deus. Esse argumento, reduzido à forma de um silogismo, declara que “Deus, por definição, é o ser que possui todas as perfeições; a existência é uma perfeição; portanto, Deus existe” (35).

Contudo, como o Dr. Clark ensina nesse livro (e em outros lugares²), há problemas endêmicos ao racionalismo puro. Primeiro, como os racionalistas admitem, o homem caído pode e na verdade erra em seu raciocínio. Erros formais em lógicas são apenas um exemplo. Segundo, há a questão de um ponto de partida. Onde uma pessoa começa no racionalismo puro? Os seis “famosos” racionalistas listados acima, por exemplo, tinham diferentes pontos de partida.

Terceiro, como o raciocínio aparte da revelação pode determinar que tipo de Deus controla o mundo? O mundo é controlado por um Deus bom e onipotente, que nos revelou que dois mais dois é igual a quatro, ou por um

² Veja Gordon H. Clark, *Religion, Reason, and Revelation* (The Trinity Foundation, 1986), 50-68.

demônio onipotente, que tem durante todo o tempo nos enganado que dois mais dois é igual a quatro, quando na realidade é igual a cinco? Como Clark aponta, a questão, então, não é se Deus existe ou não (como no caso de Anselmo e Descartes). Todas as coisas existem, pois “o predicado existência pode ser atribuído a todas as coisas, reais e imaginárias, sem exceção: sonhos existem, miragens existem, a raiz quadrada de menos um existe” (44). Mas essas declarações não nos dizem nada sobre sonhos, miragens ou a raiz quadrada de menos um. Similarmente, o argumento ontológico para a existência de Deus não nos diz nada sobre Deus. A questão que precisa ser respondida sobre Deus não é se ele existe ou não, mas o que ele é? Esse é o porquê o Breve Catecismo (Q 4), quando começa o seu estudo de Deus, não pergunta se Deus existe, mas pergunta “O que é Deus?”, e então continua para definir o Deus da Escritura.

E finalmente, no racionalismo puro, é difícil evitar o solipsismo, que é a incorporação ou submersão do mundo no “ego” ou “eu”, onde o mundo se torna nada mais do que a projeção da própria consciência da pessoa. Sem uma mente universal divina, na qual todas as pessoas e objetos participam, não é possível para o indivíduo pensador escapar de sua própria mente.

No capítulo III, o Dr. Clark examina o empirismo,³ que mantém que todo conhecimento origina nos sentidos. Aristóteles, Tomás de Aquino e David Hume são três dos principais pensadores nesse sistema de epistemologia. O empirismo eleva o método científico de investigação para obter conhecimento. Ele é baseado na observação: a idéia sendo que, se algum fenômeno pode ser observado, ele deve ser certo. A observação repetitiva, certamente, aumenta a certeza.

A lógica usada no empirismo é chamada “indutiva”. Uma pessoa coleta cientificamente informação e tira inferências e conclusões. Esse conhecimento é *aposteriori*, isto é, vem após e através da experiência. Uma pessoa deve ser capaz de cheirar, provar, sentir, ouvir ou ver algo para conhecer esse algo. Uma vez que esse algo é experimentado, então a mente, que é uma *tabula rasa* (“tábua branca”) antes da experiência, pode de alguma forma combinar, transpor, categorizar e formular a informação sensorial em conhecimento.

Há vários problemas com o empirismo. Primeiro, todos os argumentos indutivos são falácias lógicas. Não é possível coletar informação suficiente sobre qualquer assunto para se ter certeza. Simplesmente porque esse sistema depende da coleção de detalhes para suas conclusões, ele nunca pode estar certo de que alguma nova quantia de informação não mudará completamente suas conclusões anteriores. Assim, o empirismo nunca pode tratar com certeza, somente probabilidade. Por exemplo, uma pessoa pode examinar 999 corvos e descobrir que todos eles são pretos. Mas o que acontece quando o corvo número 1000 se torna um albino? O conhecimento passado sobre os corvos terá que ser revisado. O que os cientistas consideravam certo se tornaria incerto.

³ Veja também Gordon H. Clark, “How Does Man Know God?” *The Trinity Review* (July/August, 1989), e *Religion, Reason, and Revelation* de Clark, 54-58.

Segundo, os sentidos podem e frequentemente nos enganam. Qualquer pessoa que já mergulhou uma vareta “reta” num recipiente com água e observou que ela parecia estar “torta”, pode atestar isso. Terceiro, escreve Clark, “nenhum objeto jamais é experimentado em isolamento; mas suas cercanias mudam suas aparências; portanto, nunca podemos saber com o que objeto realmente se parece” (75). Quarto, uma pessoa nunca pode ter a mesma experiência duas vezes. O antigo filósofo Heráclito apontou isso há séculos atrás quando ele declarou que ninguém jamais permaneceu no mesmo rio duas vezes. Coisas finitas continuam a mudar, assim como a água no rio continua a fluir. Em tal sistema, a verificação não é possível. De fato, o axioma básico do empirismo, a saber, que a verdade pode ser alcançada somente pelos meios de verificação ou falsificação por investigação científica, não pode ser verificado. Assim, o empirismo está fundamentado num ponto de partida falacioso.

Quinto, o empirismo, na melhor das hipóteses, é capaz somente de nos dizer o que é; ele não pode nunca nos dizer o que deve ser. Isto é, “o que deve” nunca pode ser derivado de “o que é”. A sensação poderia nos informar que as portas têm dois lados, mas ela não pode nos ensinar que todas as portas têm dois lados. Nenhuma experiência pode desaprovar a idéia de que algumas portas podem ter um lado. A proposição universal definindo “porta” nunca pode ser substanciada pela experiência sensorial. O empirismo está restrito a coisas “particulares”.

Sexto, o empirismo não pode nos dizer como os sentidos somente podem nos dar concepções. Se “aquele que conhece” já não está equipado com elementos conceituais ou idéias (isto é, conhecimento inato), como ele pode alguma vez conceituar o objeto sentido? Enquanto o racionalismo, com suas idéias universais, nos dá uma explicação para categoria e similaridades, o empirismo não o faz. E sem isso o discurso racional não seria possível (17-20).

Sétimo, o solipsismo é inescapável numa epistemologia empirista. Minhas sensações são apenas isso: minhas sensações. Ninguém mais pode experimentá-las. Mas esse sendo o caso, como eu posso saber que há algo mais do que minhas experiências?

Finalmente, como as sensações nos dão idéias tais como “paralelo”, “igual” ou “justificação”? Elas não dão! Essas idéias nunca podem ser encontradas em nenhuma experiência. Na realidade, por exemplo, nem duas coisas que experimentamos são perfeitamente iguais. Assim, diz o autor, como David Hume asseverou há dois séculos atrás, se alguém estabelece sua base epistemológica sobre a sensação, ele nunca pode conhecer alguma coisa (64-70).

No capítulo IV chegamos à avaliação de Clark do irracionalismo.⁴ Irracionalismo, propagado por homens tais como Soren Kierkegaard, Immanuel Kant e teólogos neo-ortodoxos, é uma forma de ceticismo. Ele é anti-racional e anti-intelectual. A verdade real, diz os céticos, nunca pode ser alcançada; as tentativas racionais de explicar o mundo, especialmente o

⁴ Veje também “How Does Man Know God?” de Clark, *The Trinity Review* (July/August, 1989), e *Religion, Reason, and Revelation*, 69-87.

reino noumenal (Kant), nos deixa em desespero. A realidade não pode ser comunicada academicamente; ela deve ser agarrada “de forma pessoal e apaixonada” (Kierkegaard); a verdade deve ser buscada nas experiências interiores, isto é, subjetivamente.

Embora uma pessoa possa nunca saber se há um deus que dá propósito e significância à vida, diz os irracionaisistas, ela deve, todavia, dar um “salto de fé” (Kierkegaard). Ela deve viver como se existisse um deus, um ser superior, um universo com significado, etc., pois não fazê-lo seria pior (Kant).

O irracionalismo se manifesta em círculos teológicos na neo-ortodoxia de Karl Barth e Emil Brunner. Para Barth e Brunner, a verdade é puramente subjetiva. Há um “repúdio da lógica” (106). A lógica é anatematizada; a “fé” deve refrear a “lógica”. Além disso, a lógica de Deus é dita ser diferente da “mera lógica humana”. A neo-ortodoxia eleva o paradoxo e virtualmente demanda uma crucificação do intelecto. Nessa “teologia do paradoxo”, como Brunner reivindica, “Deus pode falar sua Palavra ao homem até mesmo em proposições falsas” (111). Deus pode até mesmo nos ensinar através de declarações contraditórias.

Em nenhum lugar, certamente, a Bíblia nos chama a dar um salto de fé. Em nenhum lugar a Escritura nos diz que a fé deve refrear a lógica. Em nenhum lugar a Palavra de Deus eleva o paradoxo. E em parte alguma Deus nos diz que a verdade é subjetiva. Antes, a Escritura nos diz que Deus é a própria verdade (Salmo 31:5; João 14:6; 1 João 5:6). A verdade é objetiva e lógica, e deve ser encontrada nos sessenta e seis livros da Bíblia, e somente neles. Diz Jesus, que é a Lógica de Deus encarnada (João 1:1; a palavra portuguesa “lógica” vem do grego *logos*): “Tua Palavra é a verdade” (João 17:17).

O problema aqui é que quando uma pessoa divorcia lógica de epistemologia, só lhe resta o ceticismo. E o ceticismo é auto-contraditório, pois ele afirma com certeza que nada pode ser conhecido com certeza. Por exemplo, se a lei da contradição (A não é não-A) é inválida, então todas as declarações são inválidas. As palavras de Deus e de Satanás significam a mesma coisa. O discurso racional é impossível. Nem Deus nem o mundo podem ser conhecidos, deixando-nos num estado de incerteza. Para citar Clark: “A lógica é fixa, universal, necessária e insubstituível. A irracionalidade contradiz o ensino bíblico do princípio ao fim... Deus é um ser racional, a arquitetura de cuja mente é a lógica”.⁵

Finalmente, no capítulo V chegamos ao “Dogmatismo”. Aqui temos uma epistemologia cristã, uma filosofia cristã, uma cosmovisão cristã posta diante de nós. Primeiro, o Dr. Clark queria que soubéssemos que “o Deus do dogmatismo é uma Deidade soberana que determina todas suas criaturas e todas as suas ações” (116). Mas esse não é o ponto de partida.

Todo sistema epistemológico deve ter seu ponto de partida, que é axiomático, isto é, não pode ser provado; ele é indemonstrável (se ele pudesse ser provado ou demonstrado, então ele não seria um ponto de partida). Nas próprias palavras do autor: “Deve haver primeiros princípios.

⁵ Gordon H. Clark, “God and Logic,” *The Trinity Review* (November/December, 1980), 4.

Um sistema não pode começar a menos que ele comece. O começo é o primeiro... Qualquer sistema termina seu regresso em seu primeiro princípio” (120,135). E o primeiro princípio, ponto de partida ou axioma no dogmatismo cristão é a Palavra de Deus, a revelação bíblica. A Bíblia tem um monopólio sobre a verdade. Nós não podemos saber quem Deus é sem a revelação bíblica. A Escritura define Deus para nós.

A Bíblia reivindica ser a Palavra de Deus (confirme João 10:35; 2 Timóteo 3:16; 2 Pedro 1:20,21), e ela deve ser crida porque não há nenhuma fonte maior do que a auto-revelação do próprio Deus. Como o autor de Hebreus escreve: “visto que [Deus] não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo” (6:13). Deus não pode ser deduzido a partir de nenhum princípio superior. Como declarado na Confissão de Fé de Westminster: “A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (que é a própria verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus” (I:4).

Como temos visto no exposto acima, nas palavras da Confissão (I:6): “Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela”. E como Paulo ensina em 2 Timóteo 3:16,17: a infalível e inerrante Palavra de Deus (e nada mais) perfeitamente nos equipa para toda boa obra. Na Escritura nós temos as soluções para todos os nossos problemas, a resposta para todas as nossas perguntas, com respeito a todos os aspectos da vida. Nós não precisamos e não devemos procurar a verdade em outra fonte. Não há outra fonte de verdade!

Concluindo, essa revisão se volta para o “Prefácio” do livro *Three Types of Religious Philosophy*. Nele, John Robbins, como um exemplo de como devemos avaliar as “reivindicações de verdade”, avalia as confissões feitas pela Igreja Católica Romana (e de alguns pensadores alegadamente protestantes) com respeito ao manto de Turim. Com habilidade, Robbins mostra que nem o empirista, nem o racionalista e nem o irracionalista é capaz de responder a afirmação de que o manto é realmente aquele do Cristo ressurreto. O dogmatista, contudo, dependendo unicamente da Palavra de Deus como sua fonte de verdade, é capaz de apontar o absurdo da reivindicação de Roma. De fato, as filosofias religiosas do empirismo, racionalismo e irracionalismo são todas nada mais do que um “tecido de falácias lógicas” (xiii). Elas nunca podem nos dar a verdade. A Bíblia e a Bíblia somente é a Palavra de Deus; ela tem um monopólio sobre a verdade.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com
Cuiabá-MT, 08 de Setembro de 2005